

Canções nacionalistas expressas em partituras e vozes de normalistas catarinenses

Nationalists songs expressed in scores and voices of catarinenses formalists

Tânia Regina da Rocha Unglaub
CEAD/UDESC
taniaunglaub@yahoo.com.br

Resumo: A presente comunicação busca fazer reflexões sobre manifestações musicais, referente ao período do Estado Novo, que foram expressas por alunos do Curso Normal do Instituto de Educação da cidade de Florianópolis. Algumas dessas manifestações musicais foram encontradas em partituras musicais, com as respectivas letras, escritas por estudantes deste curso de formação de professores e pelo inspetor de educação João dos Santos Areão. Outras foram coletadas, por meio de filmagens, no momento da entrevista com professoras brasileiras que passaram pelos bancos escolares durante este período autoritário. Estes documentos foram analisados na chave das representações no sentido adotado por Chartier.
Palavras-chave: Manifestações musicais. Estado Novo. Formação de Professores

Abstract: The present paper aims to make reflections on musical manifestations, covering the New State period, which were expressed by students of the Normal Course at the Institute of Education of the Florianópolis City. Some of these musical manifestations were found in musical scores, with lyrics, written by students in this course of teacher training y João dos Santos Areão inspector of education. Others were collected through of shooting, at the time of interview with Brazilian teachers who passed through school benches during this authoritarian period. These documents were analyzed in the key of representations in the sense adopted by Chartier.

Keywords: Musical Manifestations. New State. Teacher Training.

Este artigo¹ apresenta algumas reflexões referentes a manifestações musicais expressas em partituras de músicas composta, entre as décadas de 30 e 40, por estudantes e docentes catarinenses, outras expressas por vozes de normalistas que sentaram nos bancos escolares naquele período e que permitiram que as filmassem enquanto entoavam àquelas canções guardadas em suas memórias e em seus cadernos de anotações. As partituras musicais, com suas respectivas letras, foram encontradas em um baú de guardado como um relicário na casa de um dos entrevistados – Théo e Suely, neto e filha do falecido professor Abelardo de Souza. Outras partituras estão disponibilizadas nos exemplares da “Revista Educação destinada ao

¹ As informações apresentadas neste artigo fizeram parte da pesquisa de doutorado da autora, realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, financiada pelo CNPq.

professorado catarinense”. Essas revistas fazem parte do acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa e do Instituto Histórico Geográfico.

A filmagem que apresenta as canções nacionalistas entoadas por professoras aposentadas foi realizada no momento da entrevista, depois de vários encontros quando já se sentiam mais a vontade com a entrevistadora. As músicas fizeram parte do repertório do Canto Orfeônico, disciplina obrigatória no currículo do Curso Normal. As professoras entrevistadas abriram seus cadernos de música, ou cadernos de anotações antigos e mostraram as canções copiadas, e começaram a entoar aquelas melodias registradas por meio de suas escritas ordinárias. Também narraram histórias vivenciadas há tantos anos atrás, mostrando suas relíquias relacionadas ao período discutido. Abriam seus cadernos antigos com registros de canções e poesias nacionalistas e álbuns de fotografias de cerimônias cívicas. Entusiasmadas marcharam, encenaram e entoaram canções cívico-patrióticas como que querendo reviver aquele passado, onde o nacionalismo fez parte de sua construção histórico-cultural.

Nesse período, os cantos cívico-patrióticos foram utilizados intensamente no meio estudantil de acordo com o poder central na consecução de seus objetivos nacionalistas. Em Santa Catarina essa prática tornou-se obrigatória no cotidiano escolar através de Decretos e Leis. A escola passou a ser considerada o local mais adequado para as ações nacionalistas, e as canções nacionalistas estiveram presentes do cotidiano escolar catarinense visando formar uma cultura nacionalista brasileira. Através de aulas de Canto Orfeônico os alunos aprendiam os hinos oficiais e demais canções de caráter cívico-patriótico com o propósito de inculcar o amor e orgulho pelo Brasil. Suas letras e melodias fizeram parte da construção de um imaginário social representando símbolos e sentimentos. Portanto, foi necessário que os futuros professores aprendessem a entoar canções de cunho cívico patriótico, para poder ensinar a seus alunos.

Villa-Lobos², mentor do projeto de obrigatoriedade do Canto Orfeônico em todo ambiente educacional, organizou um cancionário escolar com músicas de sua autoria e de

² Heitor Villa-Lobos (1887- 1959). Nascido na cidade do Rio de Janeiro. Foi um grande músico e educador. Na área da educação atuou como o primeiro superintendente da Superintendência da Educação Musical e Artística (1932), ligada ao Departamento de Educação da Prefeitura do Distrito Federal. Regeu grandes concentrações orfeônicas de escolares em prol da nacionalização do ensino. Foi o primeiro diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e organizou o programa de Canto Orfeônico para ser praticado nas escolas de todo o país. O maestro Villa-Lobos compôs choros, sinfonias e concertos, óperas e coral, trilha sonora para cinema. Entre as décadas de 30 e 40 organizou o Guia Prático - 137 peças para diversas formações escolares. (1942). MARIZ,

outros compositores brasileiros para fazer parte do repertório a ser praticado nas escolas do país. Mas, além do cancionário oficial, alunos e professores catarinenses compuseram canções de acordo com estilo proposto pelos intelectuais da época.

A música representou, nesse momento, uma importante estratégia para a formação de sentimentos cívico-patrióticos e interiorização de valores disciplinares e de convivência social, elementos essenciais na manutenção de regimes autoritários. Para facilitar o acesso às canções a serem entoadas nas salas de aula o inspetor geral das escolas subvencionadas, João dos Santos Areão, passou a orientar os professores das escolas primárias sobre como ensinar os cantos cívicos. Além das instruções, Areão escreveu algumas partituras para compor o cancionário das escolas catarinenses. Algumas de suas músicas, com as respectivas letras foram publicadas na Revista Educação. Entre elas estão a “Saudação a José Boiteux³”, “Hino a Orestes Guimarães⁴”, “Brisa” e “Um... dois...marcha”.

A canção “Saudação a José Boiteux” estreou o primeiro número da Revista de Educação. O Hino a Orestes Guimarães e a Canção ao professor Areão, foram publicadas na edição que homenageou o vigésimo quinto aniversário da reorganização do ensino catarinense. O estribilho da canção dedicada a José Boiteux, fala que nossas almas estarão sempre prontas a elevar o seu nome com fé. As estrofes mencionam seu trabalho de escotismo dedicado a essa terra, como um herói que só sabe vencer, por isso os seus feitos serão bem gravados como belas passagens da história. O “Hino a Orestes Guimarães”, segue o mesmo estilo, elogiando as conquistas de seu trabalho, destacando que ele foi o espelho de energia a serviço da educação, entregando-se por inteiro à instrução.

Vasco. Heitor Villa-Lobos: compositor brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. Este ano (2009) comemora-se 50 anos da morte de Heitor Villa-Lobos.

³ “José Arthur Boiteux (1868-1934), nasceu em Tijucas, litoral catarinense, mas viveu no Rio de Janeiro até 1889, quando retornou ao Estado para secretariar o governador Lauro Müller. Foi hospedado na então capital do país, na residência e papelaria do catarinense Antônio Justiniano Esteves Júnior, com quem aprendeu as idéias da República e os rudimentos do Positivismo. Foi secretário também do Governo Hercílio Luz, afastando-se da diretoria do jornal local República. Exerceu a atividade de jornalista em Santa Catarina e foi o fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – entre outras instituições, como a Academia Catarinense de Letras. Foi um personagem de vulto local, político atuante nas letras, caso comum na Florianópolis daquele período.” CORRÊA, Carlos Humberto. (1997). p. 74.

⁴ Orestes Guimarães (1871-1931) – Paulista formado pela Escola Normal de São Paulo em 1889. Foi diretor do primeiro grupo escolar do Braz, na cidade de São Paulo. Por solicitação do governo paulista criou o grupo escolar do núcleo colonial Quiririm, na zona rural de Taubaté - SP. Exerceu o magistério por 16 anos nesse estado. Dirigiu o Colégio de Joinville entre os anos 1906-1909 e regressou ao seu estado natal. No ano de 1911, o governador Vidal Ramos, o convidou para regressar a Santa Catarina, e exercer a função de Inspetor Geral do Ensino com a atribuição de auxiliar na reorganização da Instrução Pública. Em 1918 passou a ser o Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas, e exerceu essa função até o final de sua vida. REVISTA DE EDUCAÇÃO. Órgão do Professorado Catarinense - Ano I - n° 2 (março/abril), 1936. Florianópolis. p. 2. (Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.)

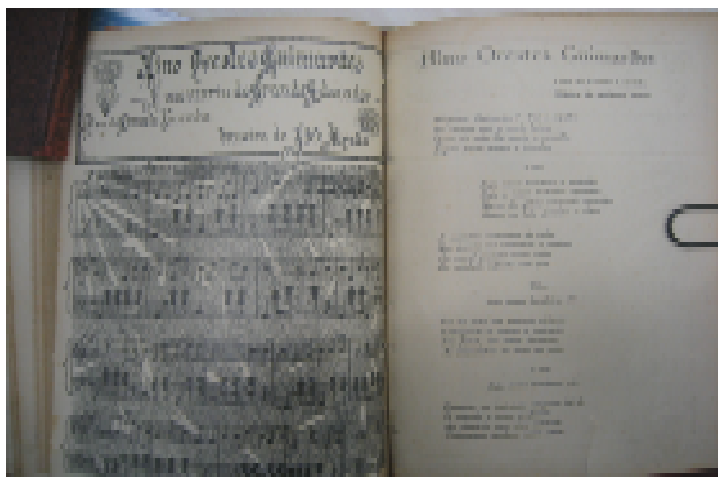


Imagem da página da Revista Educação que contém a partitura e letra da música dedicada a Orestes Guimarães, composta por João dos Santos Areão (1936)

Essa e outras canções compostas por este educador, publicadas na Revista Educação, expõem intenções nacionalistas e disciplinares, para serem entoadas no cotidiano escolar. “Um...dois...marcha”, menciona o princípio do dever, e aponta a escola como um local de alegria e saber, que prepara bons homens para o Brasil. Enquanto que Brisa homenageia a bandeira e a terra brasileira.

As mensagens dessas canções podem ser compreendidas através da união entre letra e melodia, escritas para serem cantadas em uníssono. Percebe-se que em todas as peças musicais publicadas na Revista Educação, a partitura foi escrita em uma página e a letra em outra, o que dificulta a leitura da letra em relação a divisão rítmica. Esta forma de apresentação da partitura musical mostra que o aluno não necessitava do contato com a pauta, reduzindo o exercício à reprodução da melodia executada ao piano, acrescida da letra. A transmissão das melodias acontecia oralmente. As canções foram escritas com ritmo relativamente simples, em compasso binário, marcando o ritmo de marcha. Na época, esse era um ritmo bastante usado para canções escolares, pois favorecia a cadência e o disciplinamento. Sobre a questão funcional, não há grandes ousadias em termos de dissonância, mas em relação às funções harmônicas, aparecem alguns recursos mais ousados. No entanto, não é objetivo dessa pesquisa, realizar uma análise harmônica das peças mencionadas.

O professor João dos Santos Areão considerava a música como “uma linguagem divina em torno da qual se agrupam todos os afetos de nossa alma, portanto não é possível possuir uma educação espiritual perfeita se não dispor desse modo de estar em pleno contato com o Criador” (AREÃO, Relatório, 4º trim., 1939). Talvez seja esse um dos motivos que o

levou a agregar às suas funções de inspetoria a responsabilidade de orientar o Canto Orfeônico nas escolas catarinenses mesmo antes de sua nomeação formal para essa responsabilidade. Além das músicas de sua autoria publicadas na Revista Educação, outras canções foram encontradas no baú da entrevistada Sueli, filha do professor Abelardo. As canções encontradas nesse local foram “Pátria Altaneira, Patriotismo da Vovó, Terra Catarinense, Eco, Melodia em Sol e Brisa”⁵.

As músicas publicadas na Revista de Educação, não apresentam um perfil de música coral, mas algo próximo de peças vocais com acompanhamento. Talvez se deva ao fato de que, essas músicas foram compostas e publicadas entre os anos 1936 e 1937, antes do Canto Orfeônico entrar no currículo do Curso Normal, (em 1939). Nos arquivos particulares de Abelardo de Souza foram encontradas algumas músicas de Areão adaptadas para o orfeão. O arranjador foi o próprio Abelardo. Entre elas está a canção “Brisa”, escrita, em 1937, para homenagear a bandeira. Logo abaixo do nome da música, ao lado esquerdo está o nome de Abelardo de Souza como arranjador e no lado direito, o nome do compositor e autor da música e letra, João dos Santos Areão. Esta canção, como as demais, foi escrita a mão num papel timbrado pertencente ao Grupo Escolar Luiz Delfino. Ambos colocaram a assinatura no final da canção, com a respectiva data, ano 1943. Segundo o depoimento de Sueli⁶ Areão e Abelardo eram muito amigos e trabalharam juntos na elaboração de algumas músicas.

Abelardo compôs outras músicas exclusivas para coros orfeônicos escolares, nesse período do Estado Novo. Uma delas: “Descobrimento do Brasil” foi composta para ser cantada em duas vozes, com exceção do coro que pode ser cantado a três vozes, com ritmo de marcha, escrita em compasso quaternário. Abelardo, quando estudante do Curso Normal Superior, no Instituto de Educação “Dias Velho” também criou o arranjo da canção “A minha Ilha” para coro orfeônico. Há outras canções escritas para serem entoadas em forma de cânone: “Soldados da Pátria”, “Asas do Brasil” e “Josézito”. A última canção mencionada contém fundo moral, incentivando a falar sempre a verdade. Sueli se lembra que em sua infância, muitas vezes entoavam essa melodia no carro, durante suas viagens com o pai.

⁵ As canções Pátria Altaneira, Patriotismo da Vovó, Terra Catarinense, Eco, Melodia em Sol, Um...dois...marcha, escritas nos anos 30 e 40, também foram publicadas no Hinário Escolar organizado por Aldo Krieger, no ano 1964. Nesse ano Krieger atuava como técnico da Divisão de Artes, do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura. Luis Sanches Bezerra e João dos Santos Areão escreveram no prefácio desse material. KRIEGER, ALDO. Santa Catarina Canta; 51 melodias para as escolas primárias. Florianópolis: Departamento de Cultura. 1964. Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Essas canções foram colocadas em anexo nesse trabalho. (Ver anexo n. 15).

⁶ SEPTIBA, Sueli Souza. Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 08/09/2006.

As canções compostas por esses educadores catarinenses estavam de acordo com as prescrições ditadas pelo poder central. Havia controle no teor das letras das canções orfeônicas a serem cantadas pelos alunos. Uma das condições era “evitar os cantos, mesmo belos, cujas palavras, sejam grosseiras ou tolas e não dignifiquem a alma infantil”. (FERNANDEZ, s/p. 27). Entendia-se por ‘grosseiras e tolas’ aquelas palavras que não ‘elevassem’ o espírito através do louvor à Pátria, que não exaltassem a bela natureza do país, ou se relacionassem às coisas ‘belas’ da tradição e do cotidiano. Lorenzo Fernandez chamava a atenção dos professores para a escolha das canções usadas nas salas de aula. Ele dizia que “grande responsabilidade cabe ao professor que não for exigente neste assunto, pois sabida é a influência que tem sobre o futuro homem as coisas aprendidas na infância”. (IDEM, p.34).

Essas canções cívico-patrióticas contribuíam para o fortalecimento dos sentimentos nacionalistas dos educadores, que conseqüentemente transmitiriam essa paixão aos alunos. Havia uma firme convicção de que cantar músicas pertencentes ao repertório do Canto Orfeônico transformaria o indivíduo em participante das práticas da brasilidade, e conseqüentemente se sentiria importante aos seus próprios olhos, das autoridades e até mesmo de seus colegas⁷.

Várias das canções mencionadas com temas de exaltação à Pátria e de estímulo à juventude foram encontradas nos cadernos de apontamentos de música das professoras Cacilda⁸ e Isabel⁹. Também a pesquisadora Vera Bacha Pereira¹⁰, ao examinar a caderneta escolar da professora Nívea Cunha Bacha, utilizada no período do Estado Novo, encontrou títulos de várias músicas nacionalistas. Embora ela não tenha mencionado quem era o autor dessas canções, constatei que algumas faziam parte do repertório elaborado por Areão e Abelardo. Isso demonstra que as músicas desses educadores foram utilizadas nas escolas catarinenses, tanto do interior do Estado como na capital.

Era nas aulas de Canto Orfeônico, ministradas nas escolas, que os alunos deveriam aprender hinos oficiais brasileiros e demais canções de caráter patriótico com o propósito de inculcar o amor e orgulho pelo Brasil. Como parte da metodologia pedagógica da disciplina

⁷ “Os sentimentos racionalizados são assim, são decisivos para a adesão espontânea aos valores políticos de respeito às leis e amor à pátria”. BRESCIANI, Maria Stella. O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos. In: SEIXAS, J. A.; BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M. (orgs.) Op. cit. p. 34

⁸ MOSER, Cassilda Miranda. (82 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 15/11/2006.

⁹ LINS, Isabel da Silva. (81 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 09/02/2006.

¹⁰ Vera Pereira Bacha investigou sobre a Nacionalização – Autoritarismo e Educação: Inspetores e professores nas escolas catarinenses – 1930-1940. Que resultou na elaboração de uma Dissertação de Mestrado em Educação, realizada na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

de Canto Orfeônico, as letras das canções escolares e suas interpretações eram copiadas por estudantes em seus cadernos de música.

Isabel Lins, uma das depoentes, que foi estudante do Curso Normal do Instituto de Educação de Florianópolis (instituição modelo no estado catarinense), na época da 2ª guerra mundial, conta como os hinos, canções e marchas, enchiam de entusiasmo os corações daquelas futuras professoras, motivando-as a participarem dos ideais nacionalistas. A entrevistada disse que havia interesse dos dirigentes da Nação em despertar o entusiasmo da mocidade. Era necessário despertar os sentimentos de brasilidade, naqueles que seriam os responsáveis pela difusão das práticas nacionalistas. No seu depoimento está claro que durante o curso de formação de professores, havia um preparo através das disciplinas e atividades curriculares que os induzia a servirem à pátria na arte de ensinar. Ela comenta que:

Muitos hinos, canções e marchas faziam parte do nosso entusiasmo de estudantes numa época de incertezas mil, a 2ª guerra mundial. Neste mesmo período estávamos nos preparando para, após a formatura, seguirmos para o interior do Estado para participar da campanha de nacionalização do Ensino primário, que durou vários anos. Éramos orientados para atuar no cultivo da língua Nacional em prosa e verso, e, através dos cantos e hinos pátrios. (LINS, Entrevista, 2006).

A entrevista tornou-se descontraída embalada pelas boas recordações. Isabel começa a cantar as músicas com muita espontaneidade, como que querendo viver novamente aqueles momentos. Entoa as músicas com muita afinação e entusiasmo. É notável como algumas são cantadas praticamente de memória. De repente para de cantar, vai até seu escritório e traz uma caixa que contém seus tesouros do tempo de estudante e do início de sua carreira de professora. Ela abre aquela caixa, que é um verdadeiro relicário e, de lá retira papéis e cadernos antigos que eram destinados à disciplina de Canto Orfeônico que continham canções copiadas à mão pela entrevistada no momento dessas aulas. Somado a esse material, traz dois álbuns fotográficos.

A respeito desse tipo de material, Cunha comenta que as “reliquias tanto mundanas como sagradas, trazem consigo histórias, acontecimentos, lembranças, memórias, pois estão imbuídas de significados de qualidades de representação que vão além de sua situação original”. (CUNHA, 2007, p. 84) Por isso as reliquias da professora Isabel ao serem manuseados carinhosamente fizeram com que as narrativas aflorassem apresentando muitas

histórias imbuídas de significados e representações daquele período, que extrapolavam o momento e a significação talvez existentes no tempo e no espaço nos quais ocorreram originalmente. Para Chartier,(1990, p.72) as representações são “resultado de uma prática, historicamente produzida pelas práticas articuladas que constroem figuras”.

Como que revivendo aquelas práticas produzidas num momento bem definido historicamente, Isabel examina as páginas de seu caderno, hoje encadernado em capa dura, para preservar seu conteúdo. Ela relembra que o mesmo material foi depois reutilizado ao ministrar suas aulas. Este documento é constituído por letras de canções e poesias de cunho nacionalista, que exaltam a natureza, heróis da Pátria, boa conduta e família. Também afloram em seu relato muitas histórias associadas àquelas melodias cantadas em eventos cívicos e sala de aula. Bosi (2003, p.23) faz referência a essas lembranças como uma imagem construída pelos materiais que estão à disposição no conjunto de representações que povoam o imaginário atual do indivíduo. Muitas vezes a memória invoca conjuntos referenciais instituídos pela sociedade.

A memória é organizada pelas ações e espaços, e se realiza a partir da afetividade. Os sujeitos se lembram bem, geralmente do que os marcou seja positiva ou negativamente. Da mesma forma, uma dor (física, moral ou psicológica) pode ser apagada da memória em função da dificuldade de se administrar no presente sua lembrança. (PASSOS, 2003, p. 103)

No entanto, esta seleção é sempre de cunho afetivo. Isabel, ao abrir o caderno utilizado nas aulas de Canto Orfeônico folheia aquelas páginas amareladas, marcadas pelo tempo, com o carinho de quem parece reviver momentos inesquecíveis. Afinal, aquela caligrafia que cuidadosamente desenhou as cópias manuscritas das músicas nacionalistas, parece transportá-la ao início da década de 40, no curso de formação de professores do Instituto de Educação de Florianópolis. Ao folhear aquele caderno grande, preto, de capa grossa, escolhe algumas músicas, e aquelas palavras ganham sons que remetem a entrevistada, com o poder peculiar da música, às mesmas salas onde primeiro aprendeu e depois ensinou os sons nacionalistas que moldaram as mentes infantis e adolescentes. Passado e presente se fundem num sorriso encantador de quem realmente saboreia as recordações como algo inesquecível.

É notável observar ao longo da entrevista que a forte influência do nacionalismo é percebida nitidamente na vida da estudante/professora, pois ainda faz brilhar seus olhos quando comenta as reminiscências. Mas os recursos utilizados pelo governo inculcaram tão

fortemente no imaginário de Isabel e suas companheiras de estudo esses valores que eles se multiplicaram depois na vida de seus próprios alunos.

A entrevistada falou reiteradas vezes que no seu tempo de estudante aquelas músicas, por ela entoadas, eram as mais cantadas. Isabel faz questão de mencionar que essas canções eram cantadas marchando, em quase todas as tardes no pátio da escola e nas cerimônias cívicas nos desfiles de rua. Outra coisa que chama a atenção é que entre as canções ela fala e repete que “*as músicas possuem ritmo de marcha, e são músicas que dão energia*”. (LINS. Entrevista citada). Repete que essas músicas eram próprias para se cantar marchando. Essas canções possuem ritmo e andamento musicais que parecem obedecer a um padrão que induz à disciplina do corpo, associado ao andar e marchar, destinado a regular ou acompanhar os movimentos das pessoas, mantendo a cadência, num estilo militar.

Além da influência do estilo musical, as letras dessas canções comportavam os ideais pensados para o país. “Mocidade” se apresenta como certeza do futuro da Pátria, defensora da Nação. Cantada em época de guerra quase todas as tardes e acompanhada de marcha, utiliza linguagem explicitamente militar com frases como “cerremos fileiras” e “empunhemos o fuzil”. A letra ainda faz os cantores se apresentarem como paladinos da nação. “Estudante do Brasil”, por sua vez, apresenta o estudante como tendo a maior missão de lutar incessantemente para tornar bem maior o Brasil, com as passadas firmes dos alunos em marcha ecoando as palavras da canção “marchar, marchar para frente ... e assim tornar bem maior ... o nosso imenso Brasil”. As crianças são representadas nesse momento, pelas letras dos hinos e canções como soldados do Brasil. Por isso deveriam lutar e também estudar por ele. Não é de se estranhar que essas músicas durante o tempo da guerra, eram executadas quase todos os dias. Mas mesmo após o conflito terminado elas continuaram a manter sua força na conclamação figurada de vitória.

Assim como essas letras, as demais músicas de Canto Orfeônico evidenciavam a preocupação em assinalar valores como o heroísmo dos vultos pátrios, o culto dos símbolos nacionais, o orgulho pela grandeza e a beleza do território nacional, bem como o ufanismo derivado do sentimento de pertencer a essa Pátria inigualável. Entretanto sem descuidar a valorização do homem brasileiro e sua cultura; do cidadão trabalhador que exercendo suas atividades honesta e honradamente, zela pela sua família e pelo progresso da Pátria.

Entre as músicas de exaltação aos heróis encontram-se personagens muito diversos como Cabral, na música Descobrimento do Brasil, Duque de Caxias, Tiradentes, o próprio

presidente Vargas e até educadores como Pestalozzi e Orestes Guimarães. Quanto à exaltação da Pátria é digno de nota a expressão da frase da música Exaltação ao Brasil, que enfatiza: “cantar é saber viver pelo Brasil para ensinar ao povo varonil, que esta terra forte há de ser nossa até morrer porque nos viu nascer”. Pode se bem imaginar o efeito dessas frases sobre a mente juvenil, mesmo dos filhos de imigrantes estrangeiros, repetidas à exaustão em cânticos entoados garbosamente, com o entusiasmo natural de vozes em tenra idade. O resultado esperado pelas autoridades era mais que notório, tendo em vista que era conseguido sob ameaças ou represálias, aos que não conseguissem pronunciar adequadamente o idioma da Terra que os viu nascer.

A representação de uma pátria florida, alegre e vivaz aparece nas letras de canções como “Terra Brasileira” com sua melodia viva e em ritmo entusiástico. Isabel também faz questão de cantar e contar como esta canção os enchia de entusiasmo:

TERRA BRASILEIRA

Raiando o sol nas verdes serras/ nos vales tudo é esplendor.
Os raios de ouro pelas terras/ Rolando vão de flor em flor.
Oh Terra Brasileira/ de todas, à primeira/ Mais lindas são as flores/
Bem mais vivas são as cores desse imenso céu de anil.
Oh não há céu tão lindo/ de azul assim infindo
Nem tão feliz sorriso, nem tão belo paraíso como nesse meu Brasil.
Lá, lá, lá rá, rá ,rá, lá, lá, ...
Os rios mares e florestas/ os campos e jardins sem par
Jubilam em perenes festas saltando o sol ao despontar.(LINS. Entrevista citada)

Essa canção foi repetida por muitos anos. Isabel Lins conta que, mesmo depois de muito tempo, quando ela já era diretora da escola de aplicação, essa música ainda era entoada por uma nova geração de professoras em formação. Era, assim, garantida a continuidade do mesmo ideário, consolidando aquela representação nacionalista da Pátria brasileira.

Cacilda Moser também menciona como todos os espaços do cotidiano escolar eram usados para inculcar os princípios de brasilidade através dos sons nacionalistas. Ela também faz questão de mostrar seu caderno dos tempos de normalista, cujas páginas estão amareladas, marcadas pelo tempo. Cacilda relata que aquele caderno a acompanhou em muitos anos de seu magistério. Também o abre, folheia e entoa canções que lá estão anotadas.

Ela conta que iniciou seu magistério na cidade de Rodeio, no ano de 1943, logo após sua formatura no Curso Normal no Instituto de Educação. Ao relatar sua experiência, logo vem a sua memória, a visita de um inspetor num dia em que haviam programado um pic-nic

com finalidade educativa e recreativa com todos os alunos do Grupo Escolar. Esta visita ilustre era do próprio João dos Santos Areão, Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas. Ele chegou de surpresa e acompanhou o passeio. Ela fala com muita emoção e nostalgia, ao narrar que em meio ao *pic-nic*, o professor Areão reuniu o grupo para cantar uma música de sua própria autoria. A nova canção aprendida naquele passeio escolar intitulava-se “Patriotismo da Vovó”. A letra da primeira frase da música, já provoca sentimentos nostálgicos e saudosistas, pois assim começa: “quando estamos no campo em repouso, recordamos as lindas histórias que vovó contava do Brasil, seus heróis, suas glórias”. A professora Cacilda relatou que o coro dessa canção foi entoado a duas vozes. “*Ninguém conhecia a música; aprendemos ali mesmo e uma parte nós fizemos a duas vozes, ficou muito bonito. O inspetor era rígido, mas ensinava bem*”. (MOZER, entrevista citada)

Ao examinar a partitura desta canção, percebe-se que sua composição possui melodia e harmonia fáceis de serem assimiladas. Como quase todas as músicas nacionalistas, a extensão vocal era própria para as vozes infanto-juvenis. A estrutura musical também permite rápido aprendizado. Esta canção foi escrita em compasso quaternário. As estrofes estão na tonalidade de dó menor, evocando certa nostalgia, mas, quando entra na parte do coro, há modulação que transpõe a música para tonalidade de Dó Maior, tornando-a alegre e vibrante, animando as palavras da canção: “Pois vovó mesmo sendo velha, sentia o dulçor da canção prazenteira/Que há de sempre sentir a mulher que por sorte nasceu brasileira”¹¹. A letra do coro evoca o sentimento de pertença e orgulho para os nascidos no Brasil.

Entre os inspetores que trabalharam arduamente na campanha de nacionalização do ensino em Santa Catarina, destaca-se a figura desse compositor e Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas, João dos Santos Areão. Ele desempenhou um papel dinâmico e idealista, consubstanciada por viagens em todos os rincões desse território, trabalhando em prol da nacionalização do ensino, principalmente no período do Estado Novo. Entre as ações nacionalistas desenvolvidas em suas viagens, constatou-se a ênfase na sistematização, orientação e fiscalização do Canto Orfeônico. Esta prática nacionalista tornou-se efetiva no território catarinense, devido o desprendimento e interesse do inspetor Areão em agregar mais este encargo.

¹¹ Letra retirada do caderno de anotações da professora Cacilda cedeu à autora desta pesquisa, para tirar fotocópia, contendo várias poesias e letras de canções que usadas nas programações cívicas e aulas. Também foram cedidas pela entrevistada Sueli de Souza, partituras musicais escritas por João dos Santos Areão, guardadas em um baú de seu falecido pai, professor Abelardo de Souza. Entre as partituras encontrava-se a canção Patriotismo da Vovó

O aprendizado dos hinos e canções patrióticas no período do Estado Novo era efetivo e dinâmico. Esteve integrado em quase todas as programações curriculares citadas, também buscava auxiliar na apreensão de várias disciplinas como história e geografia do Brasil, ensino de educação cívica, português, ciências naturais, moral e até educação física (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1936, p.23). Suas letras e melodias carregadas de conteúdos nacionalistas eram entoadas no ambiente escolar, com o objetivo de serem gravadas na mente infantil e levadas aos lares. Essas representações, por meio dessas canções fazem parte da construção da história de determinada cultura escolar em que a música foi utilizada estrategicamente durante o Estado Novo.

Referências

- AREÃO, J.S. Relatório da Inspeção Federal das Escolas Subvencionadas do Estado de Santa Catarina: Inspetor João dos Santos ao Ministro da Educação e Saúde – Gustavo Capanema – 1º, 2º, 3º, 4º, trimestres de 1939. Florianópolis, APESC.
- BRESCIANI, M. S. O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos. Germaine de Staël e as ficções literárias. In: SEIXAS, J.A. & BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M. Razão e Paixão na Política. Brasília, Ed. da UNB, 2002. p.59-77.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, R. A História Cultural. Entre Práticas e Representações. (Tradução de Maria Mauela Galhardo). Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- CORRÊA, C. H. História da Cultura Catarinense: o Estado e as idéias (vol. I). Florianópolis: Editora UFSC, 1997
- CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, M. L. A. (org.) Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 79 – 102.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Proj. História. São Paulo (10). Dez. 1993. p. 7 - 28.

OLIVEIRA, M. R. Oralidade e Canção: A Música Popular Brasileira na História. In: LOPES. A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. (orgs.). História e Linguagens: Texto, imagem oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 245-256.

PASSOS, M. C. Memória e história de professores: como praticar é lembrar. In: VASCONCELOS, G. A. N. (org.) Como me fiz professora. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.103 – 117.

Revista de Educação. Florianópolis, ano I, n. 1. Janeiro/fevereiro. 1936. p. 23

Fontes orais

LINS, Isabel da Silva. (81 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 09/02/2006; 07/03/2006.

MOSER, Cassilda Miranda. (82 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 15/11/2006.